

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



A religiosidade em tempos de pandemia: um estudo a partir de entrevistas com jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara.

Elton Rost¹

Delimitação do tema

Este trabalho intitulado “A religiosidade em tempos de pandemia: um estudo a partir de entrevistas com jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara” surge a partir da pesquisa em andamento intitulada “Juventude Universitária na Modernidade Religiosa: um estudo a partir do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara” e o contexto atual da pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, por meio da pesquisa oral com os jovens em fase de graduação, buscou-se, a partir da analogia entre autores da História e Sociologia da Religião e a narrativa dos jovens, a compreensão das religiões e dos indivíduos nessa fase em tempo de crise, tendo como ponto de partida o atual contexto de crise sanitária global, em decorrência da pandemia da Covid-19.

Sob essa perspectiva, voltamo-nos às condutas das religiões, como se organizam e interagem com a sociedade, os fiéis e os crentes sem pertencimento religioso em tempo de pandemia, numa analogia entre as percepções da reorganização das religiões na modernidade tardia e a crise global provocada pelo coronavírus.

O tema religiosidade e religiões na modernidade tardia é amplamente pesquisado e discutido na História e Sociologia das Religiões. Nessa perspectiva, outro desafio será analisá-las em período da pandemia da Covid-19, em que houve

¹ E-mail: elton.rost01@rede.ulbra.br. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG), Campus Sudeste/Morrinhos (GO). Linha de Pesquisa: Cultura, Religião e Sociedade. Orientador: Dr. João Paulo de Paula Silveira

vários protocolos de biossegurança implementados por autoridades que decretaram fechamento temporário de comunidades religiosas. Após o começo da vacinação de prevenção à Covid-19 e a diminuição na quantidade de óbitos, gradativamente, as atividades religiosas presenciais começaram a voltar à normalidade, seguindo várias orientações para a sua abertura, como aferição de temperatura, uso de álcool em gel, uso de máscaras e estabelecimento do distanciamento social e do limite máximo de pessoas no espaço religioso para que seja cumprido o distanciamento social.

As comunidades religiosas se adequaram aos decretos governamentais e municipais e se reorganizaram para dar continuidade em suas programações e não perderem seu público. Uma parcela dos fiéis, respeitando os decretos e com o receio de contrair o vírus propagador dessa doença, mantiveram-se isolados e, por intermédio da utilização de recursos tecnológicos da informação e comunicação, puderam manter as suas atividades e experiências religiosas, como por meio das transmissões ao vivo disponibilizadas por redes sociais on-line.

Os jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara, Goiás, participaram voluntariamente de uma pesquisa, intitulada “Juventude Universitária na Modernidade Religiosa: um estudo a partir do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara”, em que se pode observar, com base na pesquisa oral, a manutenção da crença e a busca pela experiência religiosa durante esse período.

O presente estudo se deu por meio da análise dos dados coletados, especificamente sobre a frequência nas atividades religiosas, assim como, na manutenção da fé no período pandêmico, por meio do diálogo com historiadores e sociólogos da religião, como Hervieu-Leger (2015), Berger (2017) e Fernandes (2010), discutindo a religião na modernidade tardia, especificamente sobre a individualização da fé, e o crer sem pertencer a uma comunidade religiosa. Além disso, são percebidas a subjetividade, a individualização, a autonomia e autoconstrução do destino, da crença e da identidade.

Justificativa

Em determinados períodos da história houve previsões desfavoráveis à sobrevivência da religião na modernidade, desde as ideias iluministas até os sociólogos da religião, como Weber, com o desencantamento do mundo, e Berger, com a teoria da secularização, procuraram predizer o futuro de declínio das religiões. Contudo, o próprio Berger (2017), anos mais tarde, e outros autores, como Danièle Hervieu-Léger (2015) e Sanchis (2018) constatam que, na modernidade tardia, a religião não se extinguiu, não desapareceu e tampouco recuou. Pelo contrário, a dessecularização e o reencantamento do mundo são temas que descrevem o momento. A religião e a busca pela experiência religiosa são percebidas nas sociedades modernas, segundo Giddens (2002, p. 191):

Como fenômeno parcialmente independente do anterior, podemos mencionar o ressurgimento da crença e da convicção religiosa. Símbolos e práticas religiosas não são apenas resíduos do passado; um reavivar de interesses religiosos ou, em termos mais amplos, espirituais, parece bastante difundido nas sociedades modernas. Por quê? Afinal, os fundadores da teoria social moderna, Marx, Durkheim e Weber, acreditavam que a religião desapareceria progressivamente com a expansão das instituições modernas. [...]

No final do ano de 2019, surgiu na China os primeiros indícios de uma nova pandemia que tomara proporções mundiais. Logo em seguida, iniciaram-se os alertas em todo o planeta e, em março de 2020, começam no Brasil os primeiros protocolos de biossegurança a fim de evitar o contágio. Dentre as várias medidas de biossegurança, encontra-se o fechamento dos templos e centros religiosos, como medida para controlar a propagação do novo vírus. Nesse momento, mais uma vez, as religiões têm de se reinventar e se reorganizar para dar continuidade aos seus trabalhos, percebendo mudanças nas rotinas diárias de suas práticas. À medida que surgem as primeiras vacinas e a vacinação em massa, começa também a reabertura gradativa de vários espaços sociais, com número de frequência controlada. As religiões tiveram de seguir as orientações e continuam a desenvolver suas programações, tanto presencial como remotamente.

A pandemia da Covid-19 afetou o mundo todo, trazendo consequências negativas não somente na saúde, mas também na economia, na educação, na saúde emocional, na estabilidade financeira das famílias e empresas, na segurança, entre

outros, agravando os problemas sociais, especialmente das classes mais vulneráveis. Nesse sentido, aliados ao sistema de saúde governamental, surgem várias entidades e grupos na tentativa de auxiliar no bem-estar humano, com iniciativas e campanhas de solidariedade que envolveram amplos setores sociais, profissionais de saúde e grupos de defesa dos direitos humanos e da cidadania, conforme Pieper, Mendes (2020, p. 93). Da mesma forma, comunidades religiosas se esforçam e se reinventam pela espiritualidade e para projetar-se socialmente.

Objetivo Geral

A religião continua sendo objeto de interesse, pesquisa e debate, agora especialmente sob o prisma das religiões em tempo de crise, tendo como ponto de partida o atual contexto de crise sanitária global, em decorrência da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, este trabalho está voltado às condutas das religiões e fiéis em tempo de pandemia, numa analogia entre as percepções da reorganização das religiões na modernidade tardia com os autores supracitados, e as respostas de pesquisa oral com jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara, GO, acerca de sua vida religiosa e o período da crise provocada pela pandemia. Os jovens universitários acabam por relatar, durante as entrevistas, como se dão suas experiências religiosas em tempos contemporâneos à pandemia. Desse modo, tem-se como objetivo compreender o comportamento das comunidades religiosas e dos indivíduos em tempos de crise da Covid-19, compreender como as religiões se organizam e interagem com a sociedade.

Desenvolvimento

Está em andamento uma pesquisa denominada “Juventude Universitária na Modernidade Religiosa: um estudo a partir do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara”, da qual participaram jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara, Goiás. O trabalho é realizado a partir de uma entrevista semiestruturada, em que são abordadas questões como: se o jovem se considera religioso; como vivencia sua religiosidade, antes e durante a pandemia; se sofreu influência da família na escolha da comunidade religiosa, quando possui vínculo com

alguma religião; se para ser uma pessoa religiosa a pessoa precisa necessariamente frequentar uma comunidade religiosa.

A pesquisa de campo teve início no ano de 2021, após a aprovação junto ao Comitê de Ética, justamente durante a crise da pandemia da Covid-19, e, por meio da coleta de dados, percebeu-se como os jovens têm vivenciado sua religiosidade, da mesma maneira, como as comunidades religiosas têm se adaptado às exigências das medidas de biossegurança buscando se reorganizar através de sites, canais, aplicativos e redes sociais, com o propósito de alcançarem o público em geral e seus fiéis.

Em sua pesquisa no ano de 2008 sobre a midiaticização da religião e o funcionamento dos novos dispositivos audiovisuais de contato entre o mundo da fé e o fiel, especificamente por parte das igrejas evangélicas Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, Fernandes constata essa tendência e posições desenvolvidas na relação mídia e religião que estava em evidência (2012, p. 92). Conforme essa autora:

Pelo blog, há uma potencialização das trocas com seus fiéis e candidatos a fiéis, uma vez que prima por estabelecer contatos utilizando recursos distintos: linguagem diferenciada de textos, imagens, áudio e vídeo. Esses elementos dão ao fiel internauta a chance de expressarem sua fé e manterem uma experiência religiosa de caráter multimídia.

Nesse sentido, a partir da liberdade do indivíduo na modernidade religiosa, da subjetividade e da individualização da crença, ele busca construir um sistema de crença e sentido de vida e, ao mesmo tempo, a sociedade moderna desenvolveu uma série de agências produtoras de sentido. Para Berger (2017, p. 43), as instituições secundárias oferecem ajuda ou auxílio para lidar com várias contingências da vida, organizadas pelo Estado de bem-estar social ou por organizações sem fins lucrativos, com uma vasta rede de organizações e profissionais de ajuda, como psicoterapeutas e assistentes sociais. Segundo ele, há também uma enorme quantidade de livros e websites à disposição. Nesse sentido, uma jovem ao falar sobre sua fé, mesmo em tempos de pandemia e participação remota em programações de sua religião, não sente sua fé diminuída:

[...] Em relação à Fé, eu falo que quando a gente vai para igreja, a nossa fé é renovada e mesmo com essa pandemia que culminou no distanciamento social, por meio do qual as reuniões e os cultos tiveram que ser feitos no

formato remoto e com muita diferença das reuniões presenciais, a minha fé não foi abalada.

Este último ponto, sobre alternativas de experiência religiosa fora da vivência em comunidade religiosa, já estava presente na modernidade religiosa antes mesmo da crise da pandemia, intensificando-se durante esse período, justamente por ser um meio de as comunidades religiosas alcançarem seus fiéis e o público e, ao mesmo tempo, a forma pela qual o crente fiel e o crente sem pertencimento religioso buscam por sua experiência religiosa. As religiões investiram na mídia, fazendo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, para alcançar as pessoas, especialmente os jovens, que estão mais atentos às inovações. Observa-se, na entrevista de outra jovem, como se dá o uso das tecnologias de comunicação e informação pelas igrejas e como os jovens têm feito uso desses recursos para sua espiritualidade. Quando perguntada sobre sua participação na comunidade religiosa, ela relata que:

Durante a pandemia, tem sido muito mais limitada a participação, devido ao medo de contaminação. Os decretos que falam sobre isolamento e distanciamento social reduziram muito a entrada de pessoas e no início da pandemia, tinham proibido os cultos presenciais. Assim, alguns cultos que eram realizados no meio da semana, não foram transmitidos, mas o culto de domingo e o culto de quinta-feira são transmitidos ao vivo pelo YouTube e estão sendo feitas lives no Instagram da igreja. Sobre a questão da frequência, ela diminuiu. Particularmente, também diminui minha participação, porque é fácil cair na zona de conforto. Sobre a questão do medo, foram surgindo casos de contágio por Covid-19 de pessoas mais próximas a minha família, além disso, tivemos a perda irreparável do pastor Paulo da igreja, em um momento em que ninguém estava entendendo a dimensão do perigo da doença. Isso aconteceu no início do ano e agora, há 20 dias atrás, aconteceu a morte da nossa pastora, o que culminou na saída de metade da igreja. Às vezes, ocorrem reuniões lá, mas é comum aparecer alguém que na semana posterior, testou positivo à presença do vírus. É um risco que a gente corre, mesmo que a igreja esteja tomando todos os cuidados e as medidas de segurança. Acredito que a pandemia deu uma “esfriada” na questão da frequência dos cultos.

Na mesma linha de pensamento, outra jovem relata como a juventude da Igreja Batista tem se comportado diante da pandemia e, ao mesmo tempo, como se organiza e se reinventa para dar continuidade aos trabalhos. De certa forma, percebe-se que alguns deles se afastaram das atividades e, às vezes, voltam a participar:

A nossa igreja faz lives dos cultos no domingo pela manhã e à noite, semanalmente. Os jovens, eu e os outros jovens que fazem parte da diretoria, decidimos nos manter on-line, porque a nossa juventude, infelizmente, não é constante. Fazer o encontro presencial acaba gerando mais desgaste para a gente, no momento de pandemia, porque a gente planeja retornar, retorna e vem um decreto obrigando a gente a parar. Devido à inconstância dos nossos jovens, preferimos ficar on-line, mas a igreja faz os cultos presenciais e as transmissões on-line, também.

Como se observa nesse relato, a religião e a crença não terminaram ou se extinguíram durante o período que antecede a pandemia e tampouco no período de crise sanitária. Pesquisadores da religião, como Mata (2010, p. 12), averiguam que as predições sobre o fim da religião na modernidade estavam equivocadas, que não é algo do passado e não podem ser minimizadas. Pelo contrário, subsiste e melhorou suas técnicas e formas de ampliar sua influência, utilizando-se das novas tecnologias e meios digitais.

Para Fernandes (2010, p. 44), na modernidade, tem-se o fim social da religião, mas não o declínio da religião na consciência individual. Nesse sentido, sobre a religião na modernidade, Sanchis (2018, p. 210) cita que “não é mais a religião quem define, expressa e imputa o sentido global da vida coletiva”. Para continuar a existir, ela coexiste com outras esferas da sociedade, mas quem escolhe e constrói seu caminho, cosmovisão de mundo e de crença é o próprio indivíduo, a partir das suas experiências e interesse, muitas vezes, sem aderir a uma religião específica.

Quanto à produção e comunicação de sentidos, as sociedades modernas criaram instituições especializadas, que “são intermediadoras entre a experiência coletiva e individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos”, na concepção de Berger (2012, p. 70). Logo, é importante observar que as religiões não são as únicas portadoras desses valores e sentidos. Em relação às sociedades e à produção e comunicação de sentido, infere-se que dificilmente encontraríamos uma sociedade que não tenha valores e sentido da vida, entretanto as sociedades modernas não os impõem, mas coloca à disposição uma multiplicidade deles, como relatado pela jovem:

Eu procuro no YouTube, no Glory Fight (aplicativo devocional) e em um aplicativo da igreja “Assembleia de Deus”, que se chama “Bíblia da mulher”, ele contém a Bíblia, a “harpa”, o devocional, um campo para anotações e muitas outras coisas.

A modernidade está centrada no indivíduo e em torno dele. Nessa perspectiva, acentua-se a subjetividade, a individualização, a autonomia, a autoconstrução da identidade e a escolha do seu destino. Essa ênfase da modernidade é percebida nos jovens universitários do ILES/ULBRA quando perguntado sobre como tem sido sua experiência religiosa até o momento da entrevista, como cita uma jovem:

Meus pais são católicos. É importante dizer que eu morava no Panamá, onde a maior parte da cidade é católica. Lá, eu frequentava a missa e as reuniões religiosas. Depois de um tempo, durante a minha adolescência, comecei a não me identificar mais e comecei a ir em algumas igrejas evangélicas. Quando eu fiz dezessete anos, que era o período no qual eu me mudei para Itumbiara e entrei na faculdade, passei a me identificar e gostar dos ensinamentos da Igreja cristã e onde estou até hoje. Então, eu sou cristã, participo como membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que é conhecida como a igreja dos Mórmons. Também, já realizei um serviço voluntário na Bahia, durante um ano e meio, com o objetivo de pregar o evangelho de Jesus Cristo. Retornei em dois mil e dezoito e continuei na mesma religião. Eu me identifico com os ensinamentos que eu tenho e com aqueles que eu já ensinei. Eu vivo uma vida baseada na Bíblia e em Jesus Cristo.

No processo de individualização, em consonância com Fernandes (2010, p. 23), as escolhas religiosas não ocorrem por meio da força da tradição religiosa, mas pelas necessidades individuais, tendo como referência o bem-estar e a busca por experiência. Vale dizer que o pensamento de Berger (2017, p. 26) vai ao encontro da autora supracitada, ao afirmar que o sujeito moderno faz uso de sua autonomia e liberdade de escolha para constituir sua rota religiosa, trilhando seus caminhos e destinos, com os quais ele se identifica e que, muitas vezes, representa abandonar as religiões herdadas, tendo como referência suas experiências, preferências e individualidades. Na fala de outro jovem, percebe-se a busca por aquilo que lhe interessa ou selecionando aquilo que é de sua preferência

Pesquisei mais sobre alguns debates ou “aulas” sobre vários assuntos e alguns louvores. Na maioria das vezes, quando eu estou interessado em saber mais sobre determinado assunto, faço isso por meio de vídeos no YouTube, que envolvam questões de religião ou de religiosidade.

A experiência religiosa subjetiva dos indivíduos é observada na modernidade tardia, tema discutido por Hervieu-Léger (2015, p. 22), como crer contemporâneo, ao se observar “a singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao mesmo tempo, na lógica dos empréstimos e reutilização das crenças tradicionais, novas formas de representação do sagrado”. Conforme essa autora (p. 37), a fé pessoal, como característica do indivíduo moderno, autônomo, que quer governar sua vida e tem a possibilidade e a capacidade de orientar seu destino, e ressignificar as representações religiosas, está centrada na subjetividade e experiência pessoal. Sob essa ótica, um dos jovens entrevistados cita sobre sua experiência religiosa, como vivência e a constitui:

Eu costumo dizer que metade das minhas dúvidas são sanadas na igreja, pois o nosso pastor e a pastora são acessíveis e didáticos para sanar

quaisquer dúvidas, assim como, para te dar uma sugestão ou para conversar. Fora da igreja, sinto que a faculdade me instiga a pesquisar, a buscar, ter mais conhecimento. Eu faço aulas semanais de meditação, toda segunda-feira, às oito horas, em um grupo de meditação guiada, no qual eu tento ler a respeito de espiritualidade, englobando todo e qualquer tipo de religião. Também por causa da faculdade, pois lá se estuda a relação que a espiritualidade, que a religião, que a fé tem no comportamento humano, nas influências positivas e negativas. Em casa, eu busco a leitura de livros. Penso em fazer yoga também, por questões de concentração. Em relação à fé, acredito que 50% vêm da igreja e 50% vêm da busca de leituras e da participação de outros grupos. Para mim, é assim que funciona.

O crer individualista, verificado nas pesquisas de Hervieu- Léger (2015, p. 28), identifica-se pela separação das crenças e pertencas confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por “crentes passeadores”. Isso não implica o enfraquecimento ou desaparecimento completo de toda forma de vida religiosa comunitária. As religiões tradicionais estão perdendo a capacidade de regular a vida dos fiéis, mas há uma efervescência de grupos, redes e comunidades onde os indivíduos validam mutuamente suas experiências religiosas.

Na discussão sobre a separação entre a crença e pertencas confessionais, conseqüentemente surge o crer individual e sem adesão a uma comunidade religiosa. Nesse sentido, podemos observar no relato da jovem que vivencia sua fé, mesmo sem a frequência nos eventos ou programações de sua religião, encontrando na sua fé equilíbrio para suas inquietudes e conflitos existenciais, embora entenda e prefira o convívio em comunidade:

A minha frequência mudou demais. Todos os dias têm cultos em todas as igrejas em Itumbiara (nove templos, cada um incorporando um setor específico da cidade). Aqui no meu bairro, terça, sábado e domingo tem culto dos jovens, mas eu sempre vou aos sábados. Com a pandemia, a igreja “Congregação” quis parar todas as programações presenciais e os cultos começaram a ser transmitidos de forma on-line. Nesse formato, os cultos eram bons também, mas nada comparado com o culto presencial, que era bem melhor. Foi durante o período da pandemia que eu comecei a fazer o devocional e, por isso, não me senti tão prejudicada. Eu não vejo a pandemia como algo que me prejudicou, eu acredito que ela foi algo que me fez crescer e amadurecer. Falo isso sem desprezar a importância de todos estarem reunidos como igreja, presencialmente, dentro do templo, no qual eu nunca irei deixar de ir. Mesmo nesse período de pandemia, no qual se têm aumentado o número de casos de depressão e de casos de ansiedades, eu me mantive calma. O devocional me deu uma “calmaria” muito grande.

Uma forma de os seres humanos enfrentarem seus problemas existenciais é o apego à espiritualidade, entendida como parte do ser humano e seu bem-estar, como forma de superar seus limites, os problemas e desafios da vida, a busca pela

transcendência e experiência religiosa, de acordo com Pieper; Mendes (2020, p. 96). Esses autores afirmam, ainda, que:

Também é necessário compreender que a espiritualidade, como aspecto da vida humana, está intimamente ligada à busca pela transcendência e superação dos limites e ambiguidades da própria vida. Por isso, a concepção da ideia de Deus representa também a idealização de uma presença comum a todas as formas de vida que está para além da finitude e da existência da própria vida como o ser humano a conhece. Nesse sentido, a espiritualidade seria o processo de desenvolvimento onde o ser humano se realiza na busca por essa transcendência e superação de seus próprios limites.

Diante da crise sanitária mundial provocada pelo vírus da Covid-19, as religiões mudaram rapidamente suas estratégias para alcançar e expandir seu público, de acordo com Carletti; Nobre (2021, p. 305), com o objetivo de controlar a desterritorialização, o pertencimento e a lealdade da fé num mercado virtual competitivo. Segundo os autores, as medidas protocoladas para dificultar a propagação do vírus, como o distanciamento social, aceleraram as relações entre as religiões e seu público por meio da tecnologia, as religiões podem ter sido um refúgio de alívio para as tensões e dificuldades existenciais.

Na tese de Hervieu-Léger (2015) sobre a religião na modernidade, encontra-se o peregrino e o convertido, este último encontrou uma religião com a qual se identifica e decide ali construir sua experiência religiosa, sentido de vida e relação com o divino. Nesse mesmo sentido, podemos compreender, no próximo relato de um jovem, o encontro e decisão pela religião, quando durante a crise da Covid-19 continua participando na comunidade religiosa a que aderiu:

[...] antes da pandemia, eu frequentava a igreja todos os domingos, mas depois do decreto de paralisação das atividades religiosas, em decorrência da pandemia causada pelo Covid-19, a igreja fechou durante um ano e cada membro passou a fazer as reuniões dentro das suas casas, como por exemplo, eu com o meu marido. Agora, com o novo decreto, que permitiu que as reuniões das igrejas fossem presenciais, mesmo tendo restrições, podemos voltar a nos reunirmos no domingo.

A análise e compreensão da questão das religiões em tempos de crise pandêmica se encontra inclusive no embate político. As religiões inseridas nas sociedades perpassam várias esferas da sociedade e sofrem influência por elas, inclusive uma delas é a política, que, na concepção de Carletti; Nobre (2021, p. 37), influenciou os sujeitos e as religiões durante a crise da pandemia da Covid-19. Conforme os autores, a proibição de reuniões religiosas buscava proteger a saúde pública e entenderam que o Decreto Presidencial n.º 10.292, de 25 de março de 2020,

estabelecendo que as atividades religiosas de todos os tipos deveriam ser consideradas serviços essenciais, portanto isentos de medidas de isolamento social, tratou-se “de manobra política destinada a manter o apoio político do presidente entre os líderes cristãos evangélicos politicamente poderosos da nação”.

Considerações finais

Infere-se que a religião e a religiosidade subjetiva, autônoma e individual continuam presentes nas sociedades e nos sujeitos modernos, conforme verificado pelos historiadores e sociólogos da religião. Da mesma forma, ao analisar as entrevistas para compreender as religiões e a religiosidade dos jovens universitários do ILES/ULBRA em tempo de crise da pandemia da Covid-19, ficou evidente que, mesmo na pandemia e afastamento da comunidade religiosa, os jovens continuam crendo e buscando alternativas para o contato com o religioso, com a participação das comunidades religiosas, mesmo que, por algum tempo, de forma remota, via tecnologias digitais, mantiveram sua experiência religiosa comunitária quando possível, e outros continuam peregrinando na presencialidade e especialmente no mundo virtual.

Percebe-se, ainda, que a pandemia concorreu para diminuir a experiência coletiva em comunidades religiosas, contudo nota-se que parte dos indivíduos continuam a participar remotamente das programações religiosas buscando outras formas individuais de experiência espiritual, quer seja por aplicativos, canais de youtube e redes sociais, embora prefiram a presencialidade.

As religiões permanecem ativas, adaptando-se, reinventando-se e conquistando espaços de diversas formas, especialmente no meio digital e nas tecnologias de comunicação e informação, para atingirem um público cada vez maior e conquistarem adesão às suas tradições e práticas. Da mesma forma, usam de todos os meios políticos e legais para beneficiar-se.

Em suma, neste estudo científico, pode-se observar, por meio da pesquisa oral, a manutenção da crença pelos jovens universitários, a busca pela experiência religiosa, sua continuidade e reinvenção por parte das comunidades religiosas. Percebe-se, a

partir do relato dos participantes, como se dão suas experiências religiosas e as novas práticas e atuações no meio religioso.

Referências

Berger, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio. **A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XIII, n.39, Janeiro/Abril de 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/56601#:~:text=Apreende%2Dse%20da%20an%C3%A1lise%20que,acabaram%20expondo%20os%20fi%C3%A9is%20e>. Acessado em 10/09/2021.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o Catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quarter, 2010.

FERNANDES, Sílvia. A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. **IN: Instituto Humanitas Unisinos. Cadernos IHU em formação. Ano VIII, nº 43,** 2012. <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/formacao/043cadernosihuemformacao.pdf>. Acessado em 17 out. 2019.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

Mata, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. Religião em tempos de crise. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020. Disponível em: [https://www2.ufif.br/ppcir/wp-content/uploads/sites/145/2020/09/Religiao em tempos de Crise-livro-final.pdf](https://www2.ufif.br/ppcir/wp-content/uploads/sites/145/2020/09/Religiao%20em%20tempos%20de%20Crise-livro-final.pdf). Acessado em 08/09/2021.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades: Matrizes e matizes**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.